

# Fortunato Gabriel Giannoni

Milton Luiz Gorzoni<sup>1</sup>, Raimundo Raffaelli Filho<sup>2</sup>

Durante o ano de celebração do 50º aniversário da criação da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, gestos que honrem a memória de professores dessa Instituição são pertinentes. Razão do presente sumário de histórias contadas por Fortunato Gabriel Giannoni (1901-1995) em suas aulas de Propedêutica Clínica.

Professor nato, em época de poucos recursos áudios-visuais, surpreendia aos alunos com cenas teatrais ao imitar fâcias, atitudes e decúbitos. Também contava casos de seu consultório. Como eram relatos da prática clínica são casos que permanecem atuais no contexto da relação médico-paciente.

Deixou saudades, como pessoa, profissional e professor e merece o que será comentado a seguir.

## Formação profissional

Paulista do interior do estado, foi estudar na então Faculdade de Medicina da Praia Vermelha (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), formando-se em 1927. Perguntado por que não estudou no que atualmente é a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), respondeu que, naquela época, “a escola não gozava de boa fama”!

Interno de Miguel Couto, contava que o Professor Couto encerrava seu consultório tarde da noite e, em uma delas, foi abordado por um senhor que tentou “filar” uma consulta em plena rua. Miguel Couto não titubeou, pediu ao “paciente” que fechasse os olhos e abrisse a boca, aproveitado o momento para escapar dele!

Comentava também sobre a primeira cesariana da Maternidade das Laranjeiras, com incisão uterina longitudinal, provocando a necessidade de histerectomia em seqüência ao parto. Dizia que a notícia foi

publicada nos jornais da época como grande avanço no campo da obstetrícia.

## Jovem médico

Durante os anos 20 não havia ainda o processo de residência médica, cabendo ao jovem médico decidir onde e como praticar sua profissão. Dr. Giannoni tentou inicialmente trabalhar no interior do estado, sendo recebido na estação de trem pelas autoridades e a banda de música local.

Relatava que ia a cavalo consultar pacientes nas fazendas da região, muitas vezes parando cavalo ao lado de outro cavalo e fazendo a consulta “em cima da sela”. Contava que nessas circunstâncias atendeu certa vez, pai com uma criança pequena em estágio terminal de alguma das doenças intratáveis naquela época. Pede o pai que, se não havia o que fazer pela criança, que Dr. Giannoni pelo menos a medicasse para que não sofresse. Apiedado pelo apelo e pela situação, prescreveu um simples analgésico. Semanas depois, também cavalgando, encontrou novamente o mesmo pai que lhe veio agradecer o remédio prescrito que, de tão bom, matou o menino na terceira dose! O caso era utilizado como exemplo de que pacientes e familiares, muitas vezes na simplicidade do meio rural, podem interpretar equivocadamente o gesto médico.

## A 6ª. Medicina de Homens

Procurando melhorar sua qualidade profissional, resolveu vir para a cidade de São Paulo, onde montou consultório no bairro da Lapa (aberto até seus 89 anos de idade!) e se tornar médico voluntário na 6ª Medicina (Enfermaria) de Homens, chefiada pelo Professor Celestino Bourroul.

Professor Bourroul era citado com muito carinho pelo Dr. Giannoni. Não pela chefia ou por ter sido Diretor da FMUSP, mas como pessoa, professor e médico. Homem afável, calmo e profundamente religioso, chefiava um grupo de médicos voluntários, visto que naquela época a Santa Casa não dispunha de verba para remunerá-los.

Isto gerava fatos curiosos como o hábito de chegar na enfermaria o mais cedo possível para haver tempo hábil durante o dia para trabalhar em outros locais. Certa manhã, Prof. Bourroul também chegou cedo e observou que seus assistentes entravam pelas janelas

1. Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Departamento de Clínica Médica

2. Professor Assistente da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Departamento de Clínica Médica

**Trabalho realizado:** Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Departamento de Clínica Médica

**Endereço para correspondência:** Milton Luiz Gorzoni. Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, Departamento de Clínica Médica. Rua Dr. Cesário Motta Jr., 61 - Santa Cecília - 01221-020 - São Paulo, SP - Brasil. Telefone: (11) 21767300. E-mail: gorzoni@uol.com.br

da 6ª Medicina de Homens. Perguntando a eles a razão dessa atitude, explicaram que a responsável pela enfermaria só abria a porta dela mais tarde. Prof. Bourroul não titubeou, com o auxílio dos outros médicos entrou também por umas das janelas. A responsável rapidamente apareceu e disse ao Professor que se ele a tivesse chamada, ela abriria a porta. A resposta dele foi que, se ela podia abrir a porta para ele, deveria abri-la a todos!

Nesse grupo de voluntários havia médicos que não alardeavam seu trabalho (muitas vezes árduo) e outros que simulavam trabalhar demais e nada faziam, procurando apenas o “título” de médico voluntário da Santa Casa de São Paulo. Certa ocasião, ao entrar com grande alarde na enfermaria, um desses médicos que simulavam trabalhar, deparou-se com o Professor Bourroul que perguntou sobre o “doentinho” do leito número tal (era a forma do Professor se referir aos pacientes). prontamente o outro médico respondeu que o paciente estava bem, Professor Bourroul comentou que sobre certo aspecto o “doentinho” estava realmente muito bem, visto que há três dias ele conversava com Jesus! (estava morto e sem evolução clínica). Com esse padrão de chefia com elegância, Professor Bourroul convidou o outro médico a se retirar da 6ª. Medicina de Homens e não mais retornar.

As relações entre os médicos desse grupo provocaram histórias curiosas como a da comparação entre o de maior conhecimento técnico com pouco movimento em seu consultório e o de formação mediana mas com consultório lotado diariamente. O primeiro médico perguntou ao Professor Bourroul por que o outro assistente tinha tantos pacientes. O Professor respondeu: “passe visita com ele por uma semana que você vai descobrir”. Qual não foi a surpresa do mais apto sobre uma qualidade médica que ele, provavelmente pela vaidade, estava deixando de praticar: humanidade. O segundo médico, a todos os paciente tinha palavras de conforto e/ou de esperança. Essa era a diferença entre eles.

Época com poucos recursos tecnológicos, nesse período do Século XX os médicos se distinguiam pela qualidade e precisão do exame clínico. Há duas histórias curiosas sobre isso. A primeira é a do assistente que se gabava de auscultar corretamente qualquer cardiopatia. Outros médicos da enfermaria resolveram pregar-lhe uma peça. Convenceram um paciente a não rir ou falar algo revelador da brincadeira que consistiu em colocar uma mosca viva na cavidade sobre o diafragma do estetoscópio. Ao entrar na enfermaria o assistente encontrou vários médicos ao redor desse paciente, sérios e comentando que nunca tinham auscultado semelhantes sons cardíacos. Procurando mostrar serviço e de fazer jus a sua fama de bom auscultador, pediu o estetoscópio (com a mosca)

e iniciou sua ausculta, ficando progressivamente pálido e suando até admitir que também não sabia que doença cardíaca produziria sons tão bizarros. Após risada geral, abriram o diafragma, deixaram a mosca sair, ouviram vários improperios do assistente mas, dias depois, a amizade e a camaradagem entre eles voltou ao normal. A segunda história é sobre o melhor examinador de abdome do grupo. Raramente errava os diagnósticos, notadamente os cirúrgicos. Interessados em aprender com ele algum detalhe de sua técnica de palpação abdominal, o restante desse grupo de voluntários pediu que dissesse ou ensinasse como desenvolveria essa incrível precisão diagnóstica. A resposta foi: “Não sei, é pelo jeitão do abdome”. Dom intrínseco, impossível ensinar.

## Docente

Dr. Giannoni montava para cada turma de alunos um “caderninho” com foto e dados pessoais de todos. Dizia ser a melhor forma de se lembrar de seus alunos presentes e passados. Gostava de justificar esse hábito com outra história do Professor Celestino Bourroul. Contava que na época de docente do Professor Bourroul (anos 30 e 40), o exame final era público, oral e com pontos sorteados pelo aluno na hora do exame. Os estudantes compareciam em massa na expectativa de avaliar os tipos de pontos do exame e, eventualmente, aprender algo nas argüições que antecederiam as suas. Durante um desses exames orais e públicos, certo aluno saiu-se muito mal no ponto sorteado e Professor Bourroul pediu que ele sortease outro ponto, visto que tinha sido aplicado e participante das atividades da enfermaria durante o ano letivo. Nervoso e com a audiência emitindo risos e comentários em voz baixa, novamente não conseguiu responder corretamente ao segundo ponto sorteado. Professor Bourroul, em sua famosa calma, solicitou ao aluno que explanasse sobre algum tema clínico que tivesse maior conhecimento e segurança. Outra vez, provavelmente pelo local e pela exposição pública, nenhuma resposta adequada foi apresentada. Suspirando, Professor Bourroul disse publicamente ao aluno “vou aprová-lo pela sua dedicação para com os doentes mas, com uma condição: que você me envie um porta-retratos com uma fotografia sua que vou colocar no criado-mudo ao lado da minha cama”. Tomado de surpresa o aluno perguntou por quê da fotografia e Professor Bourroul respondeu que, se em alguma noite passasse mal, ele diria: “chame um médico, qualquer um menos o da foto”!

Esse “caderninho” ficava sob a responsabilidade de um aluno que recebia a designação de “secretário”. Aluno este escolhido pelo Dr. Giannoni. Todos que exerceram essa função, tiveram a oportunidade do

convívio mais próximo com o Professor e a de ouvir mais histórias dele. Um privilégio inesquecível.

Ao ensinar o que denominava ficha médica (anamnese), Dr. Giannoni sempre dizia que nenhum dado era irrelevante. Usava como exemplo a primeira linha do prontuário médico: identificação e/ou nome. Contava que conhecera (nos anos 30) um rapaz que se chamava Zorobabel, nome bizarro em qualquer época e sem justificativa aparente, visto que normalmente há algum motivo para o prenome de cada pessoa. Tempos depois, ao cruzar o Viaduto do Chá, observou uma aglomeração humana ao redor de um homem de pé sobre o parapeito do Viaduto. Reconhecendo esse homem como o pai do Zorobabel, chegou mais perto para ver o que estava ocorrendo e verificou que ele estava leiloando o Viaduto do Chá! Procurando impedir que o pai do Zorobabel caísse do parapeito, Dr. Giannoni deu um lance, o que provocou murmúrios entre as pessoas do tipo “um segundo louco apareceu!”. Obviamente, ninguém apresentou outro lance e o Viaduto foi vendido para o Dr. Giannoni que rapidamente disse àquele senhor: “desce daí para passarmos a escritura”. Levado à Santa Casa, constatou-se que era portador de neurolues, eventual explicação para o estranho nome de seu filho.

Trazia doentes à sala de aula e sentavam (ele e paciente) voltados um ao outro e de frente para os alunos. Ensinava assim a técnica da anamnese e como se portar com o paciente. Algo inesquecível. Como também seu estetoscópio (que mandou fazer naquela época) com duas aurículas. Alegria nas aulas em ouvir sons cardíacos junto ao Professor e terror nos exames quando pedia para dizer que som era aquele no levantar de seu dedo.

As provas e exames de Propedêutica nunca foram fáceis. Diz uma história das primeiras turmas de alunos da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo que certo aluno, temeroso da prova prática, passou o fim-de-semana literalmente decorando o exame físico de todos os internados nas enfermarias do Departamento de Medicina (DM). Mas, extremamente ansioso em sua argüição, quando o Professor pediu que auscultasse o paciente, relatou toda a ausculta cardíaca com as aurículas de seu estetoscópio em volta do pescoço e não em seus ouvidos! Terminou sua prova prática em outra enfermaria, fora do DM.

## Consultório

Seu consultório sempre foi no bairro da Lapa e com “agenda aberta”, ou seja, ao chegar na sala de espera o paciente perguntava quantos estavam esperando para ser consultados e, conforme o número, aguardava ou voltava mais tarde. Dr. Giannoni abria a porta de sua

sala e chamava “o seguinte” e todos avançavam uma cadeira a mais para perto da porta daquela sala.

Este padrão de atendimento produziu fatos pitorescos como o de um dia de consultório abarrotado de pacientes. Ao chamar “o seguinte”, levantou-se um senhor com olheiras, aspecto de noites mal dormidas, coxeando e produzindo um som metálico ao deambular. Procurando não gastar muito tempo na anamnese e sem que o paciente tivesse tempo de se queixar, Dr. Giannoni falou: “já sei qual é seu problema, o senhor teve a perna amputada e não dorme por que mesmo assim ela dói (dor no membro fantasma)”. Arregalando os olhos, o paciente perguntou ao Dr. Giannoni se ele era médico espírita!

Dessas histórias sobre seu consultório, a que provocava certo ceticismo entre os alunos era a do “diagnóstico pela janela”. Contava que um rapaz empregado do estabelecimento comercial ao lado da janela de sua sala, varria a calçada todo dia e durante a limpeza coçava a região anal periodicamente. Vendo isto, chamou o rapaz à janela e prescreveu medicação para Oxiúros o que solucionou o prurido anal dele. A confirmação da veracidade do “diagnóstico pela janela” surgiu quando um aluno da Faculdade de Medicina do ABC (onde também lecionou entre 1975 e 1981) apresentou-se como filho do rapaz da calçada e relatou a veracidade da prescrição. Dr. Giannoni transbordou de alegria e pediu que contássemos aos ex-alunos sobre o ocorrido.

## Outras histórias

Exercer o ofício da medicina da Santa Casa de São Paulo é um privilégio de difícil definição em palavras, torna-se algo com um quê de paixão e de alegria. Dr. Walter Scatolini dizia que a Santa Casa era como cachaça, viciava.

Dr. Giannoni viveu décadas entre seus muros centenários e colecionou histórias curiosas como a dos dois radiologistas onde um conseguiu fechar acordo com convênio médico que o outro pretendia conseguir para seu gabinete radiológico. Certo dia, esses dois médicos encontraram-se por acaso em frente da Capela do Hospital Central e iniciaram discussão que terminou em luta com socos e pontapés. Isto diante de parte do corpo clínico do Hospital. Um desses radiologistas, mais franzino, apanhou feio do outro e ficaram sem se falar por um ano. Após esse período, todos que testemunharam o ocorrido entre eles, foram convidados a comparecer à frente da Capela em determinado dia e hora para assistir à revanche da briga anterior. Qual não foi a surpresa de que o franzino estudara jiu-jitsu (arte marcial), vencendo a segunda luta. Terminada a contenda, ambos fizeram as pazes, retornando a amizade anterior pelo resto de suas vidas.

Quando falava sobre o início da antibioticoterapia, por intermédio da penicilina, seus olhos brilhavam. Isto motiva o relato de situação não contada mas vivida por ele e por quem escreve esse sumário. Respeito pela qualidade profissional e amizade sincera define o relacionamento entre Dr. Giannoni e Dr. Walter E. Maffei, anátomo patologista de renome e membro do corpo clínico da Santa Casa de São Paulo. Dr. Maffei defendia o não uso de antibióticos, chamando-os de “anti coisinhas” mas, em certa ocasião, sua esposa apresentou quadro de broncopneumonia e Dr. Giannoni prescreveu antibióticos a ela. Comparece Dr. Maffei à sala do Dr. Giannoni (na enfermaria DM1) e pergunta de pé e na porta se sua esposa estava com pneumonia e se na prescrição havia antibióticos. Dr. Giannoni, calma e cautelosamente, diz que sim. Dr. Maffei responde que, mesmo respeitando sua conduta como médico de sua esposa, que ficasse claro que ele não concordava com ela!. Virou-se e foi embora. Esse episódio não abalou a amizade deles e demonstrou o respeito profissional que havia entre os dois.

Anteriormente a vários métodos de imagem (ultrassonografia, tomografia computadorizada e ressonância nuclear magnética) quem resolvia dúvidas propeidéticas - do tipo: baço ou rim? - no Departamento de Medicina era o próprio Dr. Giannoni. Chegava-se a apostar quem estava correto, sendo a palavra final a dele. Pode parecer exagero esse comentário sobre sua acurácia no exame clínico mas, ao ser solicitado a avaliar pai de outro médico do Departamento, chamou esse colega de lado e lhe disse que seu pai tinha um

tumor do tamanho de uma nós moscada no ângulo esplênico do colón. Confirmou-se o tumor e seu tamanho na cirurgia realizada logo após o diagnóstico.

### Saudades

Homenageado em várias ocasiões e por várias Turmas, destacam-se a de Paraninfo pela 5<sup>a</sup>. Turma da Faculdade de Medicina do ABC (1978) e a de Patrono da 17<sup>a</sup>. Turma da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (1984). Convidado a proferir a aula final do Curso de Graduação dessa última Turma, fez-se de rogado mas aceitou. Os próprios alunos o trouxeram de sua casa para o que hoje são os Anfiteatros Emílio Athiê e Paulo Ayrosa Galvão (naquele período, chamava-se Anfiteatro do 4<sup>o</sup>. Ano), acompanhando-o à entrada no Anfiteatro onde foi ovacionado de pé pelos presentes. Falando de improviso, deixou ali lições sobre o seu amor à medicina, à docência e à Santa Casa de São Paulo. Ao término de sua aula, durante os cumprimentos dos presentes, perguntou se não “falara muita bobagem”, ou seja, estava avaliando suas funções cognitivas!

Professor Emérito da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, Chefe de Clínica da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia da São Paulo, deixa saudades de quem teve o prazer de ter sido seu aluno e/ou seu assistente.

---

Trabalho recebido: 16/02/2013  
Trabalho aprovado: 20/02/2013